

Nove desconhecidos

Nove desconhecidos

Liane Moriarty

Tradução de Julia Sobral Campos



Copyright © Liane Moriarty, 2018

Tradução dos versos do poema “Invictus”, de William Ernest Henley,
na página 224, de Thereza Christina Rocque da Motta.

TÍTULO ORIGINAL

Nine Perfect Strangers

PREPARAÇÃO

Nina Lopes

REVISÃO

Milena Vargas

Mariana Bard

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Christabella Designa

FOTO

Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M849n

Moriarty, Liane, 1966-

Nove desconhecidos / Liane Moriarty ; tradução de Julia Sobral
Campos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.
464 p. ; 23 cm.

Tradução de: Nine perfect strangers

ISBN 978-85-510-0468-5

ISBN 978-85-510-0418-0 [ci]

1. Ficção australiana. I. Campos, Julia Sobral. II. Título.

18-54352

CDD: 828.99343

CDU: 82-3(94)

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Kati
E para papai
Com muito amor*

*Você acha que é o problema,
Mas é a cura.
Você acha que é a fechadura da porta,
Mas é a chave que a abre.*

RUMI

Assim que descobri o sentido da vida, eles o mudaram.

GEORGE CARLIN

UM

Yao

— Estou bem — disse a mulher. — Não há nada de errado comigo.

Ela não parecia bem para Yao.

Era seu primeiro dia como aprendiz de paramédico, a terceira emergência. Yao não se sentia nervoso, mas em um estado de hipervigilância. Não suportava errar, por mais irrelevantes que seus erros fossem. Quando criança, erros o levavam a chorar, e até hoje lhe davam dor no estômago.

Uma única gota de suor escorreu pelo rosto da mulher, deixando um rastro fino na maquiagem. Yao se perguntou por que as mulheres pintavam o rosto de laranja, mas isso não vinha ao caso.

— Estou bem. Talvez seja só um vírus de vinte e quatro horas — explicou ela, com um leve sotaque do Leste Europeu.

“Observe tudo relacionado ao paciente e ao ambiente dele”, instruíra Finn, o supervisor de Yao. “Considere-se um agente secreto em busca de pistas para o diagnóstico.”

Yao observava uma mulher de meia-idade, acima do peso e com bolsas cor-de-rosa embaixo dos olhos nitidamente verde-água, o cabelo castanho e fino preso em um coque baixo, pequeno e triste. Estava pálida e suada, com a respiração irregular. Fumava muito, a julgar por seu odor de cinzeiro. Estava sentada em uma cadeira de couro de encosto alto, atrás de uma escrivaninha gigantesca. Parecia ocupar um cargo importante, se o tamanho do escritório e da janela, que ia do chão ao teto, com vista para o porto, indicassem seu status na empresa. Estavam no décimo sétimo andar e as velas da Opera House pareciam tão próximas que dava para enxergar os azulejos brancos e creme em forma de losango.

A mulher estava com a mão no mouse. Ela conferia os e-mails na tela do computador exageradamente grande como se o fato de ter dois paramédicos a examinando ali não passasse de uma pequena inconveniência, como se eles fossem dois técnicos que tinham ido dar um jeito no PowerPoint. O terninho azul-marinho feito sob medida que vestia era tão justo que parecia um castigo, o paletó apertando seus ombros.

Yao pegou a mão livre da mulher e prendeu um oxímetro de pulso no dedo dela. Notou um ponto brilhante e escamoso de pele avermelhada no antebraço. Pré-diabetes?

— Você toma algum remédio, Masha? — perguntou Finn.

Ele mantinha um comportamento falante e relaxado com os pacientes, como se estivesse batendo papo durante um churrasco, com uma cerveja na mão.

Yao notou que Finn sempre os chamava pelo nome, mas ele próprio tinha vergonha de tratá-los como se fossem velhos amigos. No entanto, se aquilo trazia resultados positivos para os pacientes, ele aprenderia a vencer a timidez.

— Não tomo remédio nenhum — respondeu Masha, com o olhar fixo no computador.

Ela clicou com determinação em algo, depois desviou os olhos do monitor e os focou em Finn. Parecia ter pegado aqueles olhos emprestados de alguém bonito. Yao achou que eram lentes de contato coloridas.

— Minha saúde está boa. Desculpe por ter desperdiçado seu tempo. Juro que não fui eu quem chamou a ambulância.

— Eu chamei a ambulância — disse uma jovem muito bonita de cabelo escuro, com salto alto e uma saia xadrez justa cuja estampa de losangos lembrava os azulejos da Opera House.

A saia ficava linda nela, o que obviamente não vinha ao caso naquele momento — embora, tecnicamente, ela fizesse parte do ambiente que Yao devia observar. A moça roeu a unha do mindinho.

— Sou a assistente dela. Ela... hum... — A moça baixou a voz como se estivesse prestes a revelar algo vergonhoso. — O rosto dela ficou muito branco, e então ela caiu da cadeira.

— Eu não caí da cadeira! — protestou Masha.

— Ela meio que escorregou — corrigiu-se a jovem.

— Fiquei tonta por um instante, só isso — explicou Masha para Finn. — E depois voltei a trabalhar. Podemos acabar logo com isso? Ficarei feliz em pagar integralmente seu custo, ou sua *taxa*, ou sei lá como cobram pelos serviços. Tenho plano de saúde, é claro. Mas não tenho tempo para isso agora. — Ela voltou a atenção para a assistente: — Não tenho uma reunião às onze com Ryan?

— Vou cancelar.

— Alguém me chamou? — indagou um homem à porta. — O que está acontecendo?

Um sujeito com uma blusa roxa justa demais entrou na sala com uma pose arrogante, carregando uma pilha de pastas de papel pardo. Tinha um sotaque britânico pretensioso, como se pertencesse à família real.

— Não é nada — respondeu Masha. — Sente-se.

— Masha obviamente não está disponível agora! — exclamou a pobre assistente.

Yao se compadeceu da moça. Não gostava de descaso em relação à saúde e achava que sua profissão merecia mais respeito. Também tinha uma forte aversão a caras de cabelo espetado com sotaques afetados que usavam blusas apertadas demais para exibir o peitoral excessivamente musculoso.

— Não, não, sente-se, Ryan! Não vai demorar. Estou bem.

Masha fez um gesto impaciente para que ele se aproximasse.

— Posso medir sua pressão, por favor, hum... Masha? — pediu Yao, tomando coragem para pronunciar o nome dela enquanto prendia o aparelho em torno do seu braço.

— Vamos tirar o paletó primeiro — sugeriu Finn, parecendo achar graça. — Você é muito ocupada, Masha.

— Na verdade, eu preciso mesmo que ela assine estes papéis — disse o rapaz em voz baixa para a assistente.

Na verdade, eu preciso mesmo verificar os sinais vitais da sua chefe, seu filho da puta, pensou Yao.

Finn ajudou Masha a tirar o paletó e o pendurou no encosto da cadeira, com toda a pompa.

— Vou dar uma olhada nos documentos, Ryan.

Masha ajustou os botões da blusa de seda bege.

— Só preciso da sua assinatura no alto das duas primeiras páginas.

Ryan estendeu a pasta.

— Você está de brincadeira? — questionou a assistente erguendo as mãos, incrédula.

— Cara, você vai ter que voltar outra hora — afirmou Finn, acrescentando uma irritação palpável à sua voz de quem está se divertindo em um churrasco.

O sujeito deu um passo para trás, mas Masha estalou os dedos, pedindo a pasta, então ele imediatamente pulou para a frente e a entregou. Era visível que tinha mais medo de Masha do que de Finn — o que significava muito, visto que Finn era grande e forte.

— Isso vai levar quatorze segundos no máximo — disse ela para Finn.

Sua voz engrossou na última palavra, que soou como “máximo”.

Ainda segurando o aparelho de pressão, Yao fez contato visual com Finn.

A cabeça de Masha tombou para o lado, como se ela tivesse adormecido. A pasta de papel pardo escorregou dos seus dedos.

— Masha? — chamou Finn com a voz alta e autoritária.

Ela se curvou para a frente com os braços moles, feito uma marionete.

— Foi bem assim! — gritou a assistente, satisfeita. — Foi isso que ela fez mais cedo!

— Meu Deus! — exclamou o sujeito da blusa roxa, recuando. — *Meu Deus.* Desculpe! Eu vou...

— Certo, Masha, vamos colocar você no chão — avisou Finn.

Finn a segurou por debaixo dos braços enquanto Yao pegava suas pernas, gemendo com o esforço. Yao percebeu que era uma mulher muito alta, muito mais alta do que ele. Tinha no mínimo um metro e oitenta — e de peso

morto. Juntos, ele e Finn a deitaram de lado no carpete cinza. Finn fez um montinho com o paletó e o colocou debaixo da cabeça dela.

O braço esquerdo de Masha se ergueu, rígido feito o de um zumbi, acima da cabeça. Suas mãos se fecharam em punhos espasmódicos. Ela ficou respirando em arfadas irregulares enquanto o corpo assumia essa posição.

Estava tendo uma convulsão.

Era perturbador ter que assistir a convulsões, mas Yao sabia que era necessário esperar que passassem. Não havia nada no pescoço de Masha que ele devesse afrouxar. Deu uma olhada ao redor e não encontrou nada em que ela pudesse bater a cabeça.

— Foi isso que aconteceu mais cedo? — perguntou Finn, olhando para a assistente.

— Não. Não, antes ela só meio que desmaiou.

A assistente observava a cena de olhos arregalados, com um fascínio horrorizado.

— Ela tem histórico de convulsões? — quis saber Finn.

— Acho que não. Não sei.

Enquanto falava, a assistente recuava em direção à porta do escritório, onde um grupo de homens de terno se reunira. Alguém ergueu um celular, filmando, como se a convulsão da chefe fosse um show de rock.

— Comece as compressões.

Os olhos de Finn estavam vidrados, tão imóveis quanto pedras.

Por um instante — não mais que um segundo, mas ainda assim um instante —, Yao não fez nada, enquanto seu cérebro tentava assimilar o que tinha acabado de acontecer. Ele se lembraria daquele instante de incompreensão imóvel para sempre. *Sabia* que uma parada cardíaca podia apresentar sintomas semelhantes aos de uma convulsão, no entanto não havia pensado naquilo, porque seu cérebro estivera total e erroneamente convencido de uma realidade: *Esta paciente está tendo uma convulsão*. Se Finn não estivesse presente, provavelmente Yao permaneceria agachado ali, observando a mulher ter uma parada cardíaca *sem agir*, feito um piloto de avião que deixa o jatinho cair por confiar demais nos instrumentos defeituosos. O melhor instrumento de Yao era seu cérebro, e, naquele dia, ele deu defeito.

Eles deram choque nela duas vezes, mas não conseguiram restabelecer um ritmo cardíaco regular. Masha Dmitrichenko estava sofrendo uma parada cardíaca completa quando a tiraram de sua sala com vista, para a qual nunca retornaria.